

SEÇÃO: ARTIGOS

AFETIVIDADE E ENSINO: MARCAS DE DOIS PROFESSORES INESQUECÍVEIS DA ÁREA DA MATEMÁTICA

Ana Paula Silva Figueiredo¹

Sergio Antônio da Silva Leite²

RESUMO

Este trabalho analisa narrativas sobre dois professores identificados como inesquecíveis – profissionais que marcam positivamente a vida de seus alunos. Para isso, foi realizada uma entrevista com um professor em uma universidade pública, bem como uma enquete virtual na mesma universidade, onde esse professor atua; e ele foi apontado por um dos respondentes como seu professor inesquecível. Com isso, foi possível alinhar as declarações dos entrevistados, identificando as marcas deixadas pelos professores que foram transferidas para a prática docente. As decisões e as práticas pedagógicas do professor inesquecível, classificadas em núcleos e subnúcleos, foram identificadas nas narrativas. Reconhecer a mediação do professor e perceber a afetividade nela contida, que foram expressas nas entrevistas, trazem-nos exemplos de como essa mediação e as decisões no planejamento de ensino afetam e marcam os alunos.

Palavras-chave: Afetividade. Decisões pedagógicas. Relação aluno-professor. Ensino superior.

Como citar este documento – ABNT

FIGUEIREDO, Ana Paula Silva; LEITE, Sergio Antônio da Silva. Afetividade e ensino: marcas de dois professores inesquecíveis da área da Matemática. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 9, e013490, p. 1-17, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2019.13490>.

Recebido em: 24/06/2019
Aprovado em: 30/08/2019
Publicado em: 21/11/2019

¹ Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), Itajubá, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3468-1153>. E-mail: anapaula@unifei.edu.br.

² Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2998-7112>. E-mail: sasleite@unicamp.br.

AFETIVIDAD Y ENSEÑANZA: MARCAS DE DOS PROFESORES INOLVIDABLES DEL ÁREA DE LA MATEMÁTICA

RESUMEN

Este artículo analiza narraciones sobre dos profesores identificados como inolvidables – profesionales que marcan positivamente la vida de sus estudiantes. Para esto, se realizó una entrevista con un profesor en una universidad pública y una encuesta virtual sobre recordar al profesor inolvidable en la universidad donde trabaja este profesor, y uno de los encuestados lo nombró como su profesor inolvidable. Con esto, fue posible alinear las declaraciones de los encuestados, identificando las marcas dejadas por los profesores y que fueron transferidas a la práctica docente. Las decisiones y las prácticas pedagógicas del profesor inolvidable, clasificadas en núcleos y subnúcleos, se identificaron en las narraciones. Reconocer la mediación del profesor y darse cuenta del afecto contenido en él, que se expresó en las entrevistas, nos da ejemplos de cómo esta mediación y las decisiones en la planificación de la enseñanza afectan y marcan a los estudiantes.

Palabras-clave: Afectividad. Decisiones pedagógicas. Relación alumno-profesor. Educación universitaria.

AFFECTIVENESS AND TEACHING: BRANDS OF TWO UNFORGETTABLE PROFESSORS OF THE MATHEMATICS AREA

ABSTRACT

This paper analyzes narratives about two professors identified as unforgettable – professionals who positively mark their students' lives. To do so, an interview was conducted with a professor at a public university. Furthermore, a virtual poll was held at the university where this professor works, and he was named by one of the respondents as his unforgettable professor. With this, it was possible to align the statements of the respondents, identifying the marks left by professors which were transferred to teaching practice. The decisions and pedagogical practices of the unforgettable professor classified in nuclei and subnuclei were identified in the narratives. Recognizing the professor's mediation and realizing the affection contained therein, which were expressed in the interviews, give us examples of how this mediation and the decisions in teaching planning affect and mark the students.

Keywords: Affectivity. Pedagogical decisions. Student-professor relationship. Higher education.

INTRODUÇÃO

Este texto estabelece a conexão entre dois professores da área de matemática na educação superior e identifica as marcas afetivas reproduzidas. Tais marcas promovidas pelo professor foram identificadas (LEITE; FALCIN, 2006) por meio de núcleos e subnúcleos que descrevem o que alunos identificam enquanto discorrem sobre aquele docente inesquecível em sua vida. Esses núcleos referem-se às decisões e às práticas pedagógicas (LEITE, 2008) assumidas pelo professor, envolvendo a relação do professor com o objeto de conhecimento, os seus aspectos de comportamento e as consequências para os alunos.

A docência é o exercício diário das relações pessoais; repletas de significados, elas formam-se e transformam-se. Se os alunos estão envolvidos no sucesso escolar, professor e aluno são sujeitos dessa ação. As formas como os resultados escolares afetam os professores estão relacionados com as formas como afetam os seus alunos.

O objetivo deste trabalho é identificar exemplos de professores cujas marcas deixadas em seus alunos tornaram-nos professores inesquecíveis. Um professor da área de matemática de uma universidade pública mineira foi entrevistado, descrevendo sua professora inesquecível. Esse indivíduo, posteriormente, tornando-se professor, também deixa marcas semelhantes em um de seus alunos.

Uma enquete virtual foi promovida e divulgada na universidade mineira, convidando voluntários a responderem sobre seus professores inesquecíveis. Entre os respondentes voluntários, o aluno Valter³ apontou Ricardo como seu professor inesquecível. A conexão estabeleceu-se: o professor Ricardo foi lembrado como o professor inesquecível do aluno Valter.

Neste trabalho, estão apresentados os dados da entrevista pessoal com o professor Ricardo⁴ acerca do professor inesquecível. A escolha para entrevistá-lo decorre da observação direta das opiniões de alunos que o têm como um professor que se destaca no bom relacionamento com os discentes da universidade.

Além disso, escolher entrevistar o Prof. Ricardo acerca de seu professor inesquecível visou a identificar as possíveis marcas produzidas que poderiam ter emergido em sua docência. A hipótese assumida neste trabalho é a existência de uma relação entre as práticas docentes do Prof. Ricardo, que seu aluno Valter vivencia, a partir das marcas deixadas pela professora Maria.

³ Valter (Engenharia Mecânica) é o aluno de Ricardo, na universidade pública mineira.

⁴ Os nomes deste trabalho são fictícios para preservar a identidade dos participantes. Ricardo, professor da área de matemática na universidade pública mineira, recorda sua professora inesquecível Maria, enquanto graduando (Bacharelado em Matemática), na universidade pública paulista.

Este texto está organizado em quatro partes. Nesta introdução, situamos a forma como os alunos identificaram seus professores inesquecíveis. Em seguida, tratamos das bases teóricas sobre a afetividade. O terceiro item aborda as marcas deixadas pelo professor inesquecível, trazendo os quatro núcleos: as decisões pedagógicas assumidas, a relação do professor com o objeto de conhecimento, os outros aspectos do comportamento do professor e, por fim, o núcleo das consequências para o aluno. A quarta parte do trabalho é o alinhamento das marcas deixadas pelos professores e apresenta os quadros comparativos dos excertos das entrevistas, finalizando-se com considerações finais.

RECONHECENDO O PROFESSOR INESQUECÍVEL

A entrevista com o professor Ricardo começa com a pergunta que o Grupo do Afeto⁵ apresenta para desenvolver suas pesquisas acerca da temática do “professor inesquecível”: *Dentre todas as disciplinas que você cursou, houve algum professor que marcou positivamente sua vida?* Essa questão é parte do procedimento denominado Entrevistas Recorrentes (LEITE; FALCIN, 2006), que consiste em uma interação organizada em várias entrevistas, com a finalidade de evidenciar e esclarecer as verbalizações do sujeito a partir da pergunta central (FALCIN, 2008), no caso a descrição das práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor.

O Prof. Ricardo responde à pergunta lembrando sua história como aluno e recorda-se da sua professora da disciplina de Cálculo I. É perceptível a sua admiração por encontrar, no primeiro período da universidade, uma professora que ministrava Cálculo.

Quando eu estava no jardim da infância “a professora” era para mim a figura que eu gostava, [...]. Mas acho que quem mais marcou mesmo foi a minha professora de Cálculo 1, que depois se tornou a minha orientadora de mestrado e coorientadora no doutorado [...]. Quando eu cheguei na universidade e vi que era uma mulher que ensinava cálculo, com a inteligência que ela tinha eu falei: Nossa! Fiquei assim deslumbrado (Prof. Ricardo).

Já para Valter, o procedimento de responder acerca de seu professor inesquecível ocorre de maneira indireta, ou seja, Valter responde a um questionário da enquete virtual, direcionada à comunidade da universidade pública mineira. Respondida voluntariamente por mais de 80 alunos da universidade, a enquete continha perguntas sobre quem seria o professor inesquecível do respondente. A pergunta era: *“Quem é o seu professor inesquecível?”*, à qual Valter respondeu dizendo que seu professor inesquecível era o Prof. Ricardo. Outra

⁵ O Grupo do Afeto é parte do Grupo de Pesquisa ALLE/AULA da Faculdade de Educação da Unicamp e estuda a dimensão afetiva no processo de mediação pedagógica em sala de aula. Este trabalho insere-se na linha que investiga *O professor inesquecível*, aquele “cujas práticas pedagógicas produzem impactos afetivos positivos nas relações dos alunos com os respectivos objetos de ensino” (LEITE, 2018).

pergunta do questionário referia-se às lembranças que o respondente trazia sobre o seu professor inesquecível. Nesse caso, o aluno Valter respondeu:

No meu primeiro período na universidade, acabei não rendendo tão bem na disciplina a qual ele ministrava, no caso, Cálculo I. [...] O que mais me marcou sobre o Prof. Ricardo foi o fato de ele ter ficado triste por mim, pois me via como um bom aluno e se preocupava caso meu extraclasses atrapalhasse meu rendimento. Naquele dia, ele me mostrou como um educador pode impactar na vida de um aluno simplesmente sendo humano, conversando e tentando entender o que ocorre fora de sala de aula. Após isso, houve duas avaliações, das quais eu tive um dos melhores desempenhos da turma. E o comentário final dele sobre tudo isso foi: "esse é o aluno que você é de verdade" (Valter).

Valter aponta um aspecto positivo do professor Ricardo, que foi o de reconhecer como o educador mudaria sua vida, “simplesmente sendo humano, conversando e tentando entender o que ocorre fora da sala de aula”. No relato, percebemos um aspecto na docência de Ricardo, que é o de identificar, entre seus alunos, aqueles frequentes e proativos. Na disciplina de Cálculo I são realizadas três avaliações e, na primeira, Valter não teve o rendimento esperado por Ricardo. Esse fato é explicitamente reconhecido por Valter.

Em uma vista de prova, ele se disse muito surpreso pelo meu rendimento nas avaliações, tendo em vista que eu não faltava nenhuma aula e era bastante proativo nas atividades (Valter).

A enquete respondida por Valter foi complementada por uma entrevista virtual, uma vez que ele havia consentido com a ideia de novo contato, caso fossem necessárias novas informações. Nessa entrevista foram incluídas perguntas sobre as lembranças das aulas de Cálculo I do Prof. Ricardo; o que mais chamava atenção nas aulas; como foi a avaliação e como ele descreveria o seu desempenho na disciplina.

Para desenvolver a pesquisa, comparamos as transcrições das entrevistas com Ricardo e Valter, conforme os núcleos sobre as marcas deixadas pelo professor inesquecível, na perspectiva de encontrar possíveis relações entre elas.

AFETIVIDADE

O conceito de afetividade, ao qual nos referimos, relaciona-se com a condição que tem o ser humano de ser afetado pelas experiências vivenciadas nas suas relações. Veras e Ferreira (2010), ao pesquisarem a afetividade entre alunos e professores, no âmbito universitário, afirmam que “a afetividade constitui um fator de grande importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro” (p. 221) e argumentam que cabe ao professor universitário considerar a afetividade como parte do desenvolvimento, buscando uma formação integral e uma vivência positiva da aprendizagem.

Souza, Petroni e Andrada (2013) pesquisam como a identidade docente está vinculada à afetividade e à “forma como o professor se representa e se percebe no exercício de sua função, assim como suas concepções de educação, de ensino e aprendizagem interferem sobremaneira em suas práticas pedagógicas” (p. 527). As autoras têm por fundamento os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, de onde o sujeito constitui o social e é constituído por ele. Demonstram como os afetos, presentes nas relações empreendidas pelos professores, configuram a constituição de sua identidade docente. Segundo Ribeiro (2006), alguns aspectos sobressaem, evidenciando ora sentidos positivos, ora negativos. Há o entendimento de que os afetos que o professor mobiliza são retribuídos pelos alunos e sustentam seu trabalho docente, mas ainda há sentidos de algo desgastante e solitário.

Veras e Ferreira (2010), que apresentam a teoria walloniana da afetividade, discorrem que

ao se desenvolver, a afetividade passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social. Tanto que este autor defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão se distanciando da base orgânica e tornando-se cada vez mais relacionadas ao social (VERAS; FERREIRA, 2010, p. 220).

As autoras pesquisam a afetividade na relação professor-aluno no contexto universitário e a sistematizam em torno de dois eixos: o primeiro diz respeito à postura do professor em sala de aula e à experiência de aprendizagem do aluno; o segundo, aos aspectos positivos e negativos na relação afetiva entre professor e aluno em sala de aula.

Na teoria vigotskiana (Oliveira, 1992), a necessidade de comunicação impulsiona o desenvolvimento da linguagem e, para que seja possível, signos estão carregados de significado que as pessoas entenderão em seu contexto histórico-cultural. Souza, Petroni e Andrada (2013, p. 528) partem de pressupostos que, “de acordo com Vigotski, têm, como objeto de estudo, o sujeito histórico cuja constituição decorre do movimento dialético em que, a um só tempo, o sujeito constitui o social e é constituído por ele”, além de argumentarem que a afetividade aparece integrada, de maneira indissociável, ao pensamento.

A afetividade depende do contexto histórico-cultural e das relações sociais que marcam a vida do indivíduo. A concepção dualista do ser humano, que o cinde entre razão e emoção, historicamente sobrepunha a razão acima da emoção, considerando a primeira como a dimensão mais importante, que deveria dominar e controlar a emoção. Essa cisão e esse entendimento da dualidade contribuíram para considerar, historicamente, apenas as dimensões racionais e cognitivas no trabalho pedagógico. Desse modo, atribui-se à aprendizagem apenas o produto da inteligência, desconsiderando os aspectos afetivos (LEITE; FALCIN, 2006).

Souza (2011) apresenta as relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico, entre seus referenciais da teoria de Wallon e de Vigotski, pontuando que

Para Wallon, a relação entre afetividade e inteligência é de alternância, podendo as primeiras emoções criar estruturas cognitivas e para Vygotsky, estas relações são de complementaridade, estando as emoções entendidas no âmbito das funções mentais, das quais o pensamento faz parte (p. 250).

Segundo Gratiot-Alfandéry (2010), para Wallon, o desenvolvimento não se encerra no estágio da adolescência, mas permanece em processo ao longo da vida do indivíduo, sendo o meio social fundamental no processo de desenvolvimento da criança, do jovem, do adulto e do idoso, dado que a “existência de cada um está mergulhada na cultura de seu tempo, o desenvolvimento não é um processo linear, mas um processo em aberto” (ALMEIDA, 2012, p. 15).

AS MARCAS DO PROFESSOR INESQUECÍVEL

Com assento nos pressupostos de Wallon (GALVÃO, 2003), distinguem-se as emoções como os estados subjetivos com alterações dos componentes orgânicos da pessoa, acompanhadas de modificações externas visíveis e expressivas. A afetividade engloba as emoções, de origem biológica, os sentimentos, de base psicológica, além da paixão, que inclui as relações de controle que se estabelecem entre razão e emoção. Nesse sentido, a afetividade constitui-se na cultura, por meio das relações pessoais, e mantém uma relação dialética contínua com a cognição, sendo caracterizada como uma dimensão socialmente construída.

Ao abordar as teorias de Wallon e Vigotski, sobressai a presença da afetividade e do meio como uma das relações fundamentais da constituição da pessoa. Entende-se que as marcas positivamente deixadas pelo professor inesquecível, embrenhadas de afetividade, sejam determinantes no sucesso escolar.

O trabalho de Leite e Falcin (2006) alçou as condições de ensino, planejadas e desenvolvidas pelo professor inesquecível. O trabalho identifica os núcleos e os subnúcleos classificados nas escutas das entrevistas de alunos que discorreram sobre seus professores inesquecíveis. A Figura 1 apresenta os quatro núcleos construídos na pesquisa.

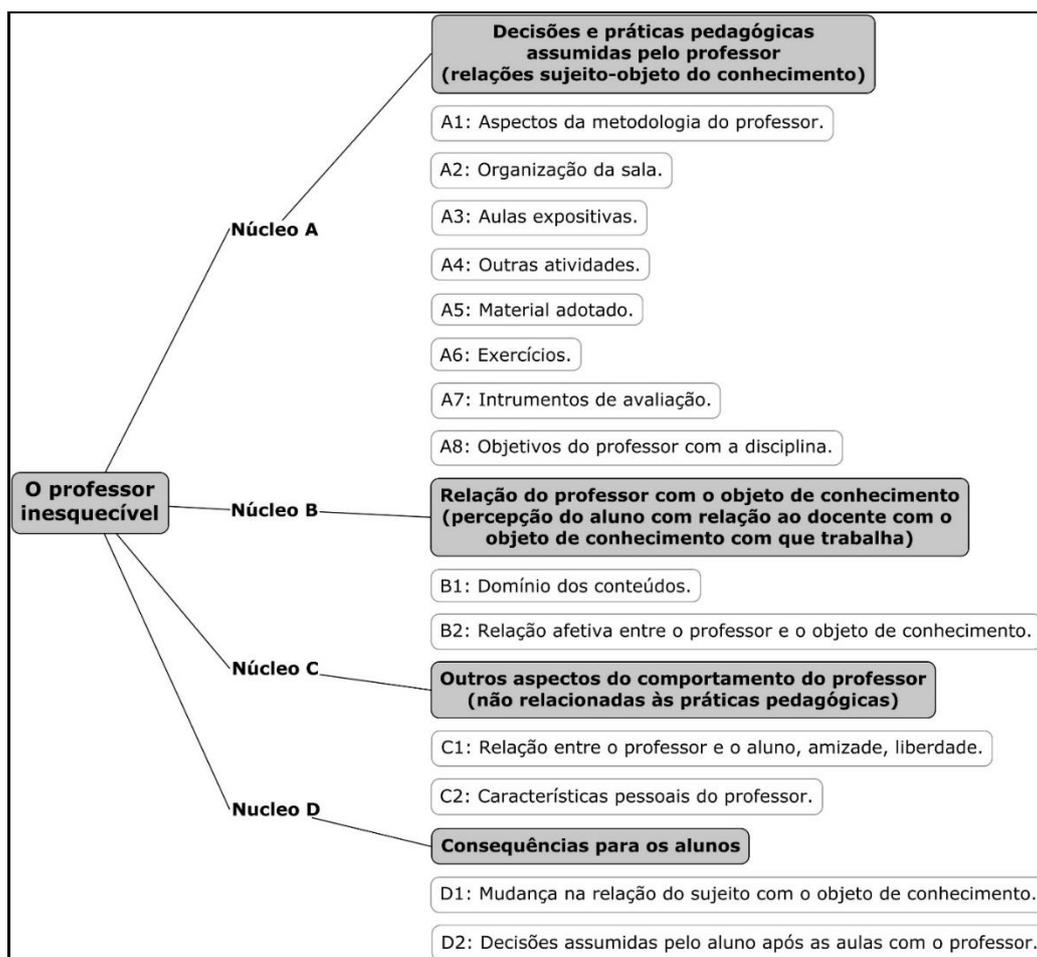


Figura 1 – Os núcleos e os subnúcleos das práticas do professor inesquecível

Fonte: adaptada de Leite e Falcin (2006).

O núcleo A trata das decisões e das práticas pedagógicas em termos das relações do sujeito e do objeto de conhecimento. Estão nesse núcleo as decisões básicas identificadas no planejamento de ensino: escolha dos objetivos e conteúdo; decisão sobre onde iniciar; organização e sequência dos conteúdos e escolha dos procedimentos, das atividades e dos métodos de avaliação. Posteriormente, esse conjunto de dados foi caracterizado, pelo Grupo do Afeto, como as cinco decisões pedagógicas básicas do professor inesquecível.

O núcleo B discorre sobre a relação do professor com o objeto de conhecimento. Essencialmente, trata de como o aluno percebe o domínio e a relação afetiva do professor com o conteúdo.

O núcleo C refere-se a aspectos do comportamento do professor não relacionados às práticas pedagógicas; trata das características pessoais do professor e da sua relação de acolhimento, aproximação, liberdade e amizade com o aluno.

O núcleo D evidencia as consequências deixadas no aluno em termos de suas mudanças com relação ao objeto de conhecimento e suas decisões, por exemplo, a decisão de seguir os estudos e se dedicar mais à área em questão.

AS MARCAS DO PROFESSOR INESQUECÍVEL: A CONEXÃO NOS NÚCLEOS E NOS SUBNÚCLEOS

Neste item, são apresentados quadros, divididos em duas colunas, nos quais são emparelhadas as marcas do professor inesquecível das declarações de Ricardo e Valter e identificadas como nos núcleos e nos subnúcleos da Figura 1. À esquerda dos quadros, o Prof. Ricardo relembra a sua professora inesquecível Maria. À direita, estão as declarações do aluno Valter com suas respostas a respeito do Prof. Ricardo. À esquerda, Prof. Ricardo é o aluno, à direita, é o professor inesquecível.

A verbalização do aluno Valter sobre as marcas do professor deixadas pelo Prof. Ricardo e a possibilidade de reconhecer essas mesmas marcas deixadas pela professora Maria no Prof. Ricardo possibilitam entender que a docência embebida pela afetividade, com marcas tais como as apontadas por Leite e Falcin (2006), é modificadora das práticas docentes e da experiência de aprendizagem do aluno.

Na docência do Prof. Ricardo, o aluno Valter considera que a atenção dispendida a ele, conversando e tentando entender o que ocorria fora de sala de aula, possibilitou que ele se sentisse acolhido, impactando sua vida a ponto de superar a dificuldade inicial em seu desempenho escolar. Nesse sentido, a “fala” exercida pelo Prof. Ricardo foi um exercício de afetividade e sincronia de emoções que marcou o aluno Valter, a ponto de torná-lo seu professor inesquecível.

O Prof. Ricardo, ao descrever sua professora inesquecível, convida-nos a perceber que a afetividade exercida por ela não é a que tange, sempre e necessariamente, as “cordialidades” ou a agradabilidade, mas o respeito e a consideração pelo aluno e seu processo de aprendizagem.

Os meus primeiros relatórios de iniciação científica voltavam cheios de canetada: “errado aqui, mal escrito aqui”. Ela falava mesmo. Ela não passava a mão na minha cabeça. [...] no início, eu me sentia frustrado. Mas depois eu fui tomando aquilo como coisa para crescimento, né? Eu acho que eu absorvi. Eu tentava procurar melhorar. Então toda vez que eu ia na sala dela tirar dúvida, ou alguma coisa eu tentava minimizar os puxões de orelha. Foi assim que eu fui construindo um universo do conhecimento. Então quando ela chegava e que falava: “Ricardo, isso aqui que você escreveu está ótimo”, eu tinha certeza que estava ótimo mesmo (Prof. Ricardo).

As declarações apresentadas foram alinhadas conforme os núcleos e os subnúcleos identificadores das marcas do professor inesquecível. Os indicadores com letra e número, como por exemplo A1, B2, referem-se à Figura 1, indicando o núcleo (letra) e o subnúcleo (número).

Os professores inesquecíveis são lembrados por suas aulas expositivas (A3) no que se refere a organização, sistematização da apresentação do conteúdo (A1). Se Ricardo lembra sua professora como aquela que era organizada, Valter aponta explicitamente esse aspecto em Ricardo. Ambos são lembrados por suas aulas expositivas e pela organização do quadro.

Prof. Ricardo	Valter
<p>[...] essa coisa de copiar dela, ... fazer a coisa bem-feita. A aula vai ser assim, eu vou dar a aula desse jeito, e eu tenho que explicar este conteúdo.</p> <p>[...]. Eu acho que a única estratégia que eu via ela usando (sic). A aula dela sempre foi expositiva, tradicional. Quadro! Ela vai explica a aula.</p>	<p>As aulas do Prof. Ricardo eram extremamente metódicas e muito bem planejadas.</p> <p>O Prof. Ricardo é famoso em minha universidade, [...], por ter uma lousa extremamente limpa e organizada. As aulas dele sempre seguiam uma fórmula de uma lousa simples e compreensível junto de uma explicação de ótima de qualidade, seguidos por um número ímpar de exercícios relacionados ao tópico.</p>

Quadro 1 – Os subnúcleos A1 (Aspectos da metodologia do professor), A3 (Aulas expositivas) e A6 (Exercícios)

A professora inesquecível do Prof. Ricardo também foi lembrada no que concerne a outras atividades utilizadas (A4). No Quadro 2, há a narrativa do uso de um software utilizado por ela. O Prof. Ricardo, que aprendeu a utilizar o software, utiliza-o para desenvolver outras atividades para suas aulas, e um exemplo é o de gif animado. Um gif animado é um tipo de material interativo.

Prof. Ricardo	Valter
<p>Então foi com ela que eu aprendi o <i>Mathematica</i>, ela sabia tudo disso, [...]. Ela sentou comigo na iniciação e disse: “a coisa básica está aqui”.</p> <p>Mas teve uma época, assim, que ela começou a fazer algumas coisas no <i>Mathematica</i> para mostrar para os alunos. E eu acho que isso copiei um pouco. Hoje eu faço as animações, estes gifs aí que eu fico divulgando. Eu mostro na sala de aula, então essas coisas eu herdei um pouco dela.</p>	<p>Sempre muito interativo [...].</p>

Quadro 2 – O subnúcleo A4 (Outras atividades)

A avaliação é um tema nevrálgico. Ricardo discorre sobre um momento de revisão de prova, trata do rigor da avaliação de sua professora Maria e de sua abertura em expor-se quanto aos aspectos emocionais que a avaliação envolve. Para Valter, a revisão de uma prova foi o que demonstrou que um professor poderia manter uma relação afetiva, pois o Prof. Ricardo havia preocupado-se com ele. Valter também nos apresenta o rigor do Prof. Ricardo em suas avaliações (QUADRO 3).

Prof. Ricardo	Valter
<p>[...] ela chamava de um em um para fazer a vista de prova. Ela queria sentar e mostrar.</p> <p>E neste dia eu fui muito franco com ela falei assim: “Olha, eu estudei muito. Acho que a senhora sabe que eu estudo. Olha há quantos anos eu estou aqui trabalhando. Só de saber do fato que a senhora é minha professora e eu tenho que mostrar um nível acima eu me cobrava, e óbvio me cobro muito, eu fico nervoso na hora da prova”.</p> <p>Tanto é que depois ela apontava e dizia: “isso aqui você errou de bobeira, isso aqui...” [...]. Mas ela corta mesmo!</p>	<p>Porém também vale ressaltar que tanto as avaliações quanto a correção do Prof. Ricardo eram de um nível mais alto, sempre exigindo bastante dos alunos.</p> <p>Talvez isto seja algo que infelizmente afaste muitos alunos dele dentro da universidade, o fato de que toda a energia que ele dedica a produzir uma boa aula precisar ser reproduzida pelos alunos enquanto estudam.</p>

Quadro 3 – O subnúcleo A7 (Avaliações)

Na entrevista com o Prof. Ricardo, a sua professora inesquecível é lembrada como aquela que dominava muito bem (B1) e que tinha uma paixão pelo conteúdo (B2). Essa mesma marca é apontada por Valter (QUADRO 4).

Prof. Ricardo	Valter
<p>Por conta dos exemplos que ela passava, sabe? Falava com propriedade sobre o assunto. Você meio que percebe quando o professor domina aquilo que ele está falando e ela falava assim: “este problema é geralmente assim, mas você resolve ‘assado’.” E geralmente ela estava certa, sabe?</p> <p>Ela dominava o assunto mesmo! Com propriedade.</p>	<p>Ele acaba sendo inesquecível por se mostrar uma pessoa ótima além de um profissional exemplar.</p> <p>Alguém que respira a profissão e é apaixonado por ela.</p>

Quadro 4 – Os subnúcleos B1 (Domínio dos conteúdos) e B2 (Relação afetiva entre o professor e o objeto de conhecimento)

As marcas do professor inesquecível ultrapassam o relacionamento de sala de aula. O subnúcleo C1 trata da amizade entre professor e aluno. Para Prof. Ricardo, sua professora tornou-se uma amiga, a ponto de ser convidada a ser madrinha de seu casamento. Para

Valter, seu professor inesquecível é aquele que possibilita conversas nos corredores da universidade.

Prof. Ricardo	Valter
<p>E aí essa professora [...] depois foi nossa madrinha de casamento</p> <p><i>Entrevistadora: Aí, então passou a ter uma relação pessoal? Quando que isso mudou?</i></p> <p>Mudou quando eu vim para Minas. Porque aí eu não era mais aluno. Eu ia lá, só fazendo a tese mesmo. Eu já tinha terminado as disciplinas, [...]. E aí eu ia para lá e ela falava assim: “Vamos nos encontrar em tal lugar?” A gente ia, tomava café junto com ela.</p>	<p>Sempre fui muito extrovertido e o Prof. Ricardo é um professor muito comunicativo, então nossas conversas variavam muito e aconteciam com uma frequência saudável.</p> <p>Até hoje quando nos encontramos nos corredores da universidade perdemos alguns minutos conversando.</p>

Quadro 5 – Os subnúcleos C1 (Relação entre o professor e o aluno, amizade, liberdade) e C2 (Características pessoais)

As marcas do professor inesquecível, cravadas em seus alunos, transformam, modificam comportamentos e decisões. Esse é o tema do subnúcleo D2 (Decisões assumidas pelo aluno após as aulas). O Prof. Ricardo recorda-se de momentos tensos vividos no doutoramento, durante os quais ouviu de sua professora palavras de incentivo que o ajudaram a definir seu rumo acadêmico.

No doutorado eu tive problemas com o meu problema da tese, que eu tinha que resolver. E ela dizia: [...] “o problema no seu doutorado foi que você tentou muito responder as perguntas das pessoas e não tentou responder às suas próprias perguntas”. [...] Acho que o meu erro grande foi esse... O meu orientador vinha e falava: “olha tem esse problema”. Então dá aqui que eu tento resolver. Mas eu nunca parei para pensar: Mas qual é a minha questão sobre isso? Qual é a minha contribuição? Depois que ela me avisou que: “você tem que aprender a resolver os seus problemas e não a resolver os problemas dos outros” aí depois eu terminei a tese (Prof. Ricardo).

Valter expressa sua mudança no modo de ser e de ver pessoas da área de exatas.

Mudou muito meu jeito de ser, pois me fez ver que é possível existir um lado humano e apaixonado nas ciências exatas, ainda que carregue toda a precisão e planejamento necessários para a área (Valter).

O subnúcleo D2 trata das decisões assumidas pelos alunos após as aulas do professor inesquecível. Nesse ponto, a experiência do Prof. Ricardo é mais densa em se tratando da fase de seu doutoramento.

Entrevistadora: Então quando ela lidava com você individualmente ela tinha mais paciência na ‘coisa’ do elementar, do trivial?

Prof. Ricardo: Tinha e ela falava para mim assim: “Olha, eu sou sua orientadora. E aqui entre quatro paredes eu vou descer o ‘cacete’ em você, mas você pode ter certeza que no dia da sua defesa eu vou ser a primeira a bater na pessoa que vier para cima”. E ela fazia exatamente isso. Então chegou no final, assim dos tempos que eu levava o texto para ela ler do meu doutorado ela falava assim: “Ricardo eu nem vou ler porque eu sei que você agora já sabe”. Foi muito bom ouvir isso. Ela: “eu li por cima e quase não tem erro nenhum e eu fico muito feliz que você tenha amadurecido nesse ponto no processo de escrita se você comparar o seu primeiro relatório de iniciação científica com esse capítulo da sua tese você vai ver olha evolução que você teve” (Ricardo).

Pode-se inferir que, na relação do Prof. Ricardo com sua professora, há uma profunda construção da autoestima. Durante a entrevista, esse foi um momento em que o Prof. Ricardo mostrou-se muito confiante com as recordações.

AS MARCAS QUE NÃO FORAM REPRODUZIDAS

Os aspectos pessoais são também importantes, e o subnúcleo C2 (Características pessoais) enfatiza-os. Para Valter, há pontos que são significantes e que se referem ao respeito e à compreensão que o Prof. Ricardo tem com relação aos diferentes alunos e às suas regulações de aprendizagem.

Outro detalhe é que o Prof. Ricardo sempre respeitou muito a forma de estudo dos alunos. Ele costumava não criticar alunos que faltavam frequentemente, porém se dedicavam aos estudos sozinhos, além de não vangloriar alunos que tentavam fazer uso de todo o tempo possível em sala de aula e monitorias. Ele fez uma análise difícil, porém necessária, de que diferentes alunos exigem diferentes métodos de ensino com vocabulários variados para de fato haver um aprendizado uniforme na turma, nesta também inclusos os autodidatas (Valter).

O fato de o Prof. Ricardo respeitar os estilos dos alunos pode decorrer de uma reflexão pessoal acerca de sua observação a respeito de posturas de sua professora.

[...] ela dava aula... eu acho assim que se hoje, o aluno nosso que fosse assistir uma aula dela, os alunos não iam gostar porque ela meio que admitia que a gente tinha uma bagagem de ensino médio: “Ah! mas como vocês sabem do ensino médio isso aqui é assim... assado”. [...]. Mas eu fico pensando: será que hoje o aluno estaria preparado para assistir uma aula dela? E eu me lembro que o que irritava muitos alunos na turma, os que tinham mais dificuldade, é que ela falava coisas assim: “Mas, gente, isso é trivial! Vocês já deveriam saber, isso aqui é pré-requisito para essa disciplina”. [...]. Ela reagia meio que sem paciência mesmo. “Mas olha isso eu acabei de falar ali atrás, então é meio que óbvio que isto implica naquilo, entendeu?”. Mas mesmo assim eu não tinha uma antipatia por ela (Prof. Ricardo).

Na sua narrativa, o Prof. Ricardo foi enfático sobre alguns aspectos que não se identificavam com os da sua professora, os quais ele age de modo para que não se repitam em sua docência. O Quadro 6 apresenta as vocalizações que dizem respeito às decisões de não reproduzir uma marca “negativa” deixada em si, pela professora. Respondendo sobre quais aspectos “copiaria”, ele diz:

Eu copio dela assim... eu acho que... Essa coisa de você querer ser bom naquilo que você faz, sabe? Uma coisa que eu não faço, que eu não copio dela é esse negócio de falar para o aluno que aquilo é trivial. Isso jamais eu falaria. E eu não falaria isso também. Eu não concordava, sabe? Eu também tenho essas minhas, assim, críticas. Eu acho que que isso aí eu não faria (Prof. Ricardo).

Prof. Ricardo	Valter
É verdade, é fato, que os alunos não gostavam muito da aula dela. Eles achavam que ela não tinha muita paciência para explicar as coisas duas vezes por exemplo, mas é o fato dela ter aquele domínio, ser uma pessoa assim muito rigorosa.	Havia momentos iniciais na matéria em que ele repetia o mesmo conceito 3 ou 4 vezes seguidas, usando termos diferentes e graus de complexidade diferentes em cada explicação. Era bastante natural e frequente, tanto que ele o fez múltiplas vezes em todas as disciplinas as quais tivemos.

Quadro 6 – Uma ‘oposição’ no subnúcleo D2 (Decisões assumidas pelo aluno)

O Prof. Ricardo é lembrado por uma característica pessoal antagônica à de sua professora. Enquanto aluno, Ricardo lembrava que a professora era pouco paciente; enquanto docente, a sua disponibilidade em repetir os conceitos, de modos diferentes, é enfatizada por Valter.

Há, na narrativa do Prof. Ricardo, o entendimento da necessidade da afetividade na mediação docente. Embora sua declaração tenha um ar jocoso, a afetividade exercida por ele é, marcadamente, positiva.

[...] ela sabia explicar, passar a mensagem dela muito bem. Só que ela não era uma professora como nós, meio que somos hoje, de pegar na mão: “Olha vem aqui, o tio vai ensinar você a derivar”. Não, não era desse jeito. [...]. Ela não é daquela professora que ficava insistindo até você entender o assunto, como a gente faz hoje em dia com os alunos (Prof. Ricardo).

Reconhecendo que as disciplinas sob sua responsabilidade nem sempre são de simples assimilação, o Prof. Ricardo exerce uma postura generosa com os alunos, o que foi explicitado nos exemplos expostos nos Quadros 1 a 5, referentes aos núcleos que indicam as decisões e as práticas pedagógicas, enfatizando-se a sua crítica (QUADRO 6) quando trata da paciência necessária no ato docente.

As marcas que a docência promove nos alunos foram exemplificadas nas declarações de Ricardo e de Valter. Os professores inesquecíveis são lembrados por suas aulas expositivas no que se refere à organização e à sistematização da apresentação do conteúdo; além disso, são lembrados como aqueles que dominam muito bem e que demonstram uma paixão pelos conteúdos abordados. Ainda, esses profissionais ultrapassam o relacionamento de sala de aula, alcançando, por exemplo, a amizade entre professor e aluno e influenciando nas decisões assumidas pelo aluno após as aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de ouvir pessoas relatando sobre seu professor inesquecível constitui-se em uma oportunidade para reconhecer e reforçar a importância da afetividade na atividade docente universitária. As decisões e as práticas assumidas pelo professor com relação ao objeto de conhecimento (a metodologia, a organização na sala de aula, o material adotado e os instrumentos de avaliação, entre outros), assim como a percepção que o aluno tem da relação do professor com o objeto de conhecimento (domínio e afeto), são marcas positivas deixadas pelo professor inesquecível em seus alunos.

Reconhecer a mediação do professor na sala de aula e perceber a afetividade nela contida possibilita identificar um processo bem-sucedido de aprendizagem. As entrevistas com o Prof. Ricardo e com o aluno Valter trazem exemplos de como a mediação do professor e as suas decisões no planejamento de ensino afetam e marcam os alunos.

A conexão entre professores inesquecíveis da área de Matemática estabelece-se no desenvolvimento profissional do Prof. Ricardo. Ele relembra sua professora de Cálculo I e é lembrado por seu aluno Valter, que cursou a mesma disciplina com ele. As decisões pedagógicas marcaram os alunos e puderam ser identificadas conforme os núcleos e os subnúcleos apontados por Leite e Falcin (2006). As narrativas mostram que, sob admiração e críticas, essas memórias constroem laços na vida acadêmica.

O objetivo desse trabalho foi alinhar as memórias dos discentes entrevistados sobre os seus professores inesquecíveis. Se Ricardo, enquanto aluno, rememora momentos e decisões pedagógicas de sua professora inesquecível, Valter, o aluno de Ricardo, brinda-nos com testemunhos sobre a docência inesquecível do Prof. Ricardo.

Enquanto o Prof. Ricardo expõe a construção de sua autoestima por meio das inúmeras vezes que superou frustrações ocorridas em trabalhos acadêmicos, com ajuda de sua professora inesquecível, Valter revela sua surpresa positiva ao encontrar, entre professores da “área de exatas, um ser humano”, rompendo com um paradigma.

Alinhar essas memórias de alunos da área de exatas, sob a égide dos núcleos que descrevem os professores inesquecíveis, é uma maneira de reconhecer que a afetividade é encontrada

nessa área e que, uma vez encontrada, pode ser um exemplo e uma condição para o sucesso acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho. A pesquisa sobre afetividade, aprendizagem e educação de Jovens e Adultos: explicitando por que, para que e como. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho (org.). *Afetividade, aprendizagem e Educação de Jovens e Adultos: relatos de pesquisa na perspectiva de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FALCIN, Daniela Cavani. Afetividade e condições de ensino: histórias de professores inesquecíveis. In: LEITE, Sergio Antônio da Silva (org.). *Afetividade e Práticas Pedagógicas*. Itatiba: Casa do Psicólogo, 2008.

GALVÃO, Izabel. Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In: ARANTES, Valéria Amorin (org.). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. *Henri Wallon*. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, Coleção Educadores, 2010.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; FALCIN, Daniela Cavani. O professor inesquecível: a afetividade nas práticas pedagógicas. In: SOUZA, Maria Thereza C. Coelho de; BUSSAB, Vera Silvia Raad (org.). *Razão e emoção: diálogos em construção*. Itatiba: Casa do Psicólogo, 2006.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. Afetividade e práticas pedagógicas. In: LEITE, Sergio Antônio da Silva (org.). *Afetividade e Práticas Pedagógicas*. Itatiba: Casa do Psicólogo, 2008.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. *Afetividade: as marcas do professor inesquecível*. Campinas: Mercado das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da afetividade em Vygotsky. In: LATAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

RIBEIRO, Marinalva Lopes; JUTRAS, France. Representações sociais de professores sobre afetividade. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 1, n. 23, p. 39-45, jan./mar. 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2006000100005>.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 2, n. 27, p. 249-254, abr./jun. 2011.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan; PETRONI, Ana Paula; ANDRADA, Paula Costa. A afetividade como traço da constituição identitária docente: o olhar da psicologia. *Psicologia & Sociedade*, v. 3, n. 25, p. 527-537, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822013000300007>.

VERAS, Renata da Silva; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 38, p. 219-235, set./dez. 2010.

Ana Paula Silva Figueiredo

Graduada em Engenharia Mecânica e mestre em Qualidade e Produtividade (UNIFEI). Professora da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). Atua nas áreas de Educação a Distância e Design Instrucional (UAB/CAPES – Universidade Aberta do Brasil). Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Unicamp, na linha de pesquisa de Educação em Ciências, Matemática e Tecnologias.

anapaula@unifei.edu.br

Sergio Antônio da Silva Leite

Graduado em Psicologia (PUC Campinas), mestre e doutor (USP). Professor titular da Universidade Estadual de Campinas. Possui experiência na área de Psicologia Educacional com atividades de ensino, pesquisa e orientação nos temas: afetividade, alfabetização e letramento, formação de professores, ensino e aprendizagem. Coordenou o Espaço de Apoio ao Ensino e Aprendizagem (EA2), vinculado à Pró-reitoria de Graduação da Unicamp. Coordena o Grupo do Afeto.

sasleite@unicamp.br